

As transformações sofridas na experiência espacial de Campo Grande a partir da presença de novos empreendimentos imobiliários: possíveis desdobramentos¹

Gisele dos Santos de Miranda²
gigisa@gmail.com

Resumo: O artigo é uma adaptação de parte de dissertação de mestrado. Tem como objetivo averiguar características da experiência espacial dos moradores de Campo Grande, bairro da periferia do Rio de Janeiro, o qual tem passado por uma série de investimentos no setor imobiliário. Nos últimos anos, Campo Grande tem recebido empreendimentos residenciais, corporativos e comerciais, como *shopping centers*, o que tem delineado características específicas no comportamento dos moradores, especialmente no modo como circulam pela cidade e em relação ao tipo de lugares que frequentam para o lazer. O artigo expõe resultados decorrentes de pesquisa realizada através de aplicação de questionários *on line* a moradores de Campo Grande, setenta e dois no total. O questionário tinha os seguintes focos: tipo de residência; renda; posse de veículo particular; tipo de lazer; e frequência a *shopping center*. Tentou-se estabelecer relações entre as novas edificações e mudanças na definição de valores adotados e práticas espaciais realizadas.

Palavras-Chave: espaço geográfico - Campo Grande – *shopping center*

Abstract: This paper is part of a dissertation. It intends to explain how Campo Grande neighbors use space, this a neighborhood in the outskirts of Rio de Janeiro which has go through so many investments in real estate. During last years, Campo Grande has received lots of new residence, business and shopping buildings, what have changed the way people moves and have fun in the city. The paper shows results arising from an on line survey to seventy two Campo Grande neighbors. The questionnaire have focused these points: type of residence; income; having own vehicle; leisure; how many times people go to the shopping center. Has been tried to do the connection between the new buildings and changes about values and spatial practices.

Key-words: geographic space – Campo Grande – shopping center

Introdução

O artigo tem como objetivo averiguar características da experiência espacial dos moradores de Campo Grande, bairro da periferia do Rio de Janeiro, o qual tem passado por uma série de investimentos no setor imobiliário. Nos últimos anos, Campo Grande tem

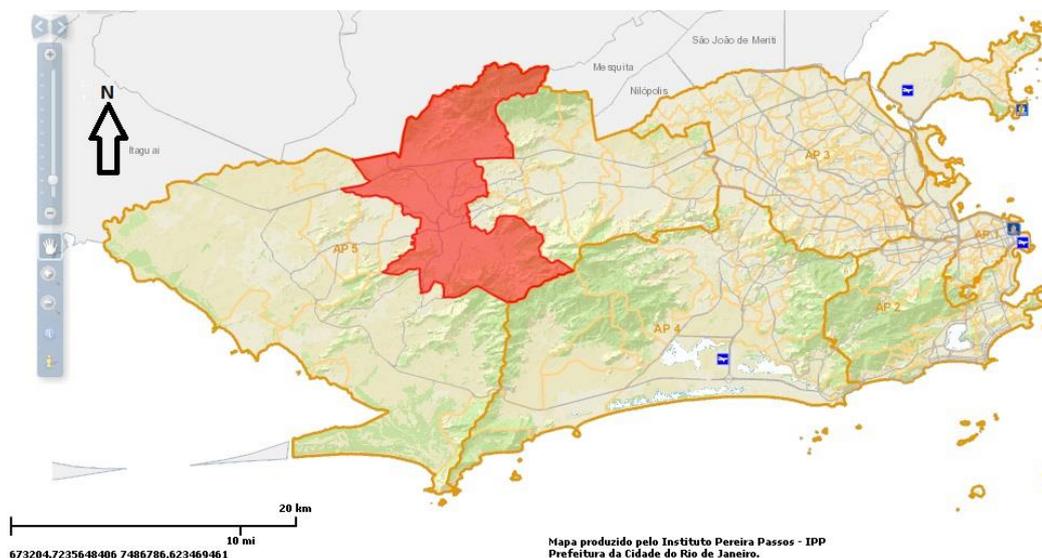
¹ Adaptação do terceiro capítulo da dissertação apresentada ao Departamento de Geografia da PUC-Rio, em junho de 2014, como exigência para recebimento do título de mestre em Geografia. A pesquisa foi intitulada como: “As transformações espaciais em Campo Grande como uma tentativa de reprodução simbólica da Barra da Tijuca: uma análise da expansão de condomínios fechados e de *shopping centers* na periferia da cidade do Rio de Janeiro”.

² Mestre em Geografia pela PUC-Rio.

recebido empreendimentos residenciais, corporativos e comerciais, como *shopping centers*, o que tem delineado características específicas no comportamento dos moradores, especialmente no modo como circulam pela cidade e em relação ao tipo de lugares que frequentam para o lazer. Identifica-se nas alterações recentes observadas no bairro certa referência ao modo como o capital tem sido reproduzido na Barra da Tijuca em excelência, no entanto perpassando espaços distintos em todo o país. A produção de condomínios de apartamentos e de casas tem representado o padrão mais moderno de habitação. Da mesma forma, a circulação pela cidade através de veículos particulares é cada vez mais marcante no cotidiano das grandes cidades brasileiras, apesar dos problemas com congestionamentos no trânsito. Ao observar tal realidade, buscou-se distinguir a experiência urbana dos moradores do bairro a partir dos objetos espaciais em questão, de modo a estabelecer conexões com o imaginário representado e vendido pelo novo mote do capital imobiliário.

O artigo expõe resultados decorrentes de pesquisa realizada através de aplicação de questionários *on line* a moradores de Campo Grande, setenta e dois no total. O questionário aplicado tinha como principais focos os seguintes temas: tipo de residência (em condomínio, casa de rua, etc.); renda; posse de veículo particular e frequência de seu uso; tipo de lazer; frequência a *shopping center*. A aplicação do questionário revelou características do cotidiano da população de Campo Grande, deixando clara a importância dos empreendimentos estabelecidos nos últimos anos para a construção e adoção de novos valores, bem como o estabelecimento de práticas espaciais específicas entre os entrevistados. Abaixo, a localização do bairro em questão na cidade do Rio de Janeiro. Está situado na Área de Planejamento de menores níveis de renda e escolaridade, a AP 5.

Mapa 1: Localização de Campo Grande na cidade do Rio de Janeiro



Fonte: <http://portalgeo.rio.rj.gov.br/website/BaseGeo/viewer.htm>.

1. A recente valorização imobiliária no Brasil

Segundo análises econômicas recentes, vive-se hoje um processo de desaceleração do aumento dos preços dos imóveis no país, observado no *boom* sofrido ao longo dos últimos quatro anos. No entanto, ainda representa retração pouco expressiva no valor dos aluguéis. Boa parte da motivação para o aumento do preço dos imóveis foi influenciada pela presença de empresas dos ramos do petróleo, cosméticos e automóveis, o que trouxe muitos estrangeiros para o Brasil. A oferta de crédito, a atuação das Unidades de Polícia Pacificadora (UPP's) e a tendência à acomodação da inflação são identificados como as principais razões para a alta dos preços na cidade do Rio de Janeiro. Aponta-se para preços altos até 2016, quando serão realizados os jogos olímpicos. A professora Samy Dana, da FGV, aponta para bolha no mercado imobiliário (Brasil Econômico – 10/09/2013).

Cardoso (1997) indica a redução da importância do município sede na produção espacial da RMRJ, a qual decorre a periferização. Nas AP's 4 e 5 a favelização tem aumentado em decorrência da baixa oferta de moradia para os pobres. Podem-se apontar como fatores de reforço de tal processo as dificuldades encontradas pelos pobres para cumprir as leis que regem o espaço urbano, além do alto preço dos imóveis no mercado imobiliário formal. Assim, a AP5 tem sido, há muito tempo, grande receptora carioca, enquanto a AP4 é de ocupação mais recente, transformada no decorrer dos anos em um território voltado à presença de classes de poder aquisitivo diferenciado.

Outro elemento imprescindível à análise da valorização imobiliária brasileira está conectado à mudança na estrutura familiar do país, a qual caminha junto ao processo de urbanização da sociedade. O aumento do número de famílias monoparentais e unipessoais, além da nuclearização das famílias, acompanhada pelas mudanças do papel da mulher nas famílias e o consequente aumento de famílias onde há mulheres chefes sem cônjuge, faz com que a demanda por imóveis cresça, ao passo que famílias são dissolvidas e refeitas velozmente. Os núcleos familiares buscam individualizar cada vez mais as residências, evitando a presença de indivíduos fora da estrutura familiar designada por pais e filhos apenas (SANT'ANNA, 2000).

Portanto, a emergência de um conjunto de valores que priorize o individualismo não se restringe ao âmbito da produção espacial, mas alcança todas as esferas da vida em sociedade: além do modo de habitar, divertir-se e circular pela cidade, observa-se uma constante restrição das relações estabelecidas também no meio familiar, no que tange a vida privada.

Harvey (2009) assinala a importância das escalas nas quais as relações sociais se realizam para pensar a respeito de desenvolvimentos geográficos desiguais, pois não há como evitar o estabelecimento de certa hierarquização espacial no que se refere à tomada de decisões. No entanto, o estabelecimento de tais escalas é transformado constantemente. Hoje, a globalização deve ser considerada como grande transformadora do modo como tais relações são construídas. Se Campo Grande era distante do núcleo urbano do Rio de Janeiro e dificilmente era envolvido nos processos desencadeados a partir da metrópole, hoje processos observados em escala global são também observados nesse espaço periférico da cidade. Campo Grande está próximo no que concerne à valorização e especulação imobiliárias, presentes em toda a cidade. Segundo o autor, "(...) as diferenças geográficas são bem mais do que legados históricogeográficos. Elas estão sendo perpetuamente reproduzidas, sustentadas, solapadas e reconfiguradas por meio de processos políticoeconômicos e socioecológicos que ocorrem no momento presente" (HARVEY, 2009, p. 111).

As diferenças geográficas correspondem aos investimentos do capital, valorizando prioritariamente áreas diferentes, muitas vezes. Portanto, há forças de produção sistêmicas de desenvolvimento geográfico desigual, que, conseqüentemente, influenciarão as reconfigurações às quais o espaço é submetido. Portanto, muitos dos atuais processos observados em Campo Grande estão mais relacionados ao processo de dinamização do mercado imobiliário sofrido por todo o país e mais intensamente pela cidade do Rio de

Janeiro em decorrência dos grandes eventos sediados pelo país que por dinâmicas estritamente internas. Ainda pode-se falar de processos estritamente internos?

No entanto, as tendências definidas em escala global podem ser questionadas em escala local, causando reações como manifestações públicas ou a decisão por não aderir ao movimento desejado, recusando-se a transformarem-se no consumidor padrão. Esse tipo de decisão é um verdadeiro desafio. O modo capitalista de produção pode ser compreendido como uma força hegemônica que se empenha em criar pessoas homogêneas, como mercadorias criadas em série, destinadas a consumir o que lhes é ordenado no contexto da sociedade de consumo dirigido. Da mesma forma, existe uma grande tendência à valorização das idiossincrasias espaciais para, na verdade, incluir o espaço global na lógica da produção e da venda de mercadorias. Constantemente, observa-se a publicidade que gira em torno de ilhas paradisíacas, tão peculiares em beleza e aparentemente isoladas dos processos do urbano contemporâneo. Mas estar nesses lugares é um privilégio dos que pagam (caro) por isso.

Ainda com o apoio de Harvey (2009), é possível afirmar que o movimento de afastamento da área central, ocorrido em Baltimore, repete-se no Rio de Janeiro através do crescimento dos subúrbios. Tem sido observada a residência em uma utopia burguesa, onde se seleciona a vizinhança pelo poder aquisitivo, além de evitar contato com certos "infortúnios" da área central. Esse processo se materializa através do estabelecimento de condomínios fechados em toda a cidade, que variam de preço conforme o público que se deseja atender. Nessa realidade, nota-se uma vivência espacial marcada pela total dependência do automóvel, problemas ambientais, gentrificação e a conhecida tendência histórica de subsídios públicos a lucros privados. O autor chama de gueto de opulência o responsável pela

Fragmentação do espaço metropolitano, perda da sociabilidade em meio à diversidade e uma postura defensiva localizada com relação ao resto da cidade, que se torna politicamente fracionada, se não completamente disfuncional." (HARVEY, 2009, p. 202).

A população urbana vive condenada à falta de opção quanto à forma de cidade a ser habitada, seja na esfera pessoal, seja na esfera coletiva, pois o "capitalismo constrói e reconstrói uma geografia à sua própria imagem e semelhança" (HARVEY, 2009, p. 80). Harvey (2006) aponta para as principais características da acumulação capitalista em situação de crise e suas consequências, dentre elas a criação de novas necessidades e desejos, a qual proporciona o surgimento de novas linhas para atender à nova demanda criada e, assim movimentar a economia. Outra estratégia de fuga à crise é a expansão geográfica para novas

áreas, como acontece hoje com o subúrbio do Rio de Janeiro, incorporando novas áreas ao mercado imobiliário da cidade.

É fato que, ainda que se deseje estar alheio aos padrões da cotidianidade construídos socialmente e expressos no espaço, uma estrutura é construída, uma estrutura que, de alguma forma, direciona, ou ao menos sugere certas ações ao indivíduo. Os objetos espaciais são produzidos em consonância uns em relação aos outros. Na cidade, a presença de vias expressas e de *shoppings* sugere certa experiência da cidade; fugir dela não é algo simples de se fazer. No entanto, não se pode esquecer que essa materialidade, constituída no espaço, é definida a partir de uma série de interesses, intencionalidades. À medida que a sociedade muda em seus pressupostos e convenções, o espaço é modificado junto com ela, e vice-versa. Como afirma Santos:

"a lei, o costume, a família acaba conduzindo ou se relacionando a um tipo de organização geográfica. A propriedade é um bom exemplo porque é, ao mesmo tempo, uma forma jurídica e uma forma espacial. A evolução social cria de um lado formas espaciais e de outro lado formas não-espaciais, mas, no momento seguinte, as formas não-espaciais se transformam em formas geográficas." (SANTOS, 2008, p. 48)

É possível afirmar que, ao mesmo tempo em que uma série de valores são construídos, especialmente como objetos de desejo de consumo, o espaço é transformado a partir de tais valores, e sua construção estabelece também novos valores. Em Campo Grande, não há como dizer que os condomínios em construção sejam construídos no padrão como são feitos em decorrência de uma demanda específica por esse tipo de residência. O que acontece é que a única moradia oferecida no bairro hoje é aquela que corresponde ao novo padrão, tanto pela iniciativa privada, quanto pelo Estado através do Programa Minha Casa, Minha Vida. Os loteamentos feitos pelos incorporadores, tão comuns até o início dos anos 2000, destinados na maioria das vezes à construção de casas por parte dos compradores dos terrenos, cedem lugar a prédios de apartamentos vendidos na planta. Então, a opção dos compradores não é livre, mas restrita ao que o mercado oferece.

Outro ponto importante nesse processo é o preço alto dos terrenos. Em uma área de loteamento oficial, um terreno de 300 m² pode chegar a custar mais de R\$100 mil, enquanto é possível adquirir um apartamento pelo mesmo valor, claro que de menor tamanho. Portanto, fora os loteamentos irregulares, onde esses preços são bem mais baixos e ao mesmo tempo é impossível financiar a compra, os apartamentos representam a opção mais barata e, portanto, mais acessível à maior parte da população.

"As ações são cada vez mais estranhas aos fins próprios do homem e do lugar. Daí a necessidade de operar uma distinção entre a escala de realização das ações e a escala do seu comando. Essa distinção se torna fundamental no mundo de hoje: muitas das ações que se exercem num lugar são o produto de necessidades alheias, de funções cuja geração é distante e das quais apenas a resposta é localizada naquele ponto preciso da superfície da Terra." (SANTOS, 2008, p. 51)

Fundamental é destacar a linha cardinal que une os processos de resignificação e transformação do espaço em Campo Grande e uma série de processos relacionados a múltiplas faces da realidade social, desenvolvidas em escala global. O consumismo, a importância da aparência, a efemeridade das relações humanas e seu desprendimento em relação ao lugar, suscitando uma nova experiência do mesmo, não podem ser desconsiderados. A ideia de totalidade na abordagem de Milton Santos tem grande valor no que se refere à análise do processo de valorização e mudança do perfil imobiliário de Campo Grande.

Campo Grande expressa uma face da realidade construída em escala global. No contexto do processo de intensificação dos fluxos de informações e capitais, processos locais e globais não podem ser compreendidos como isolados, mas sim como eixos de uma totalidade complexa em construção permanente. O particular e o universal conversam permanentemente, e estão presentes um no outro. Isso acontece no que diz respeito a ideias, cultura, e relações econômicas. Inclusive, pode-se dizer que muitas ideias são projetadas intencionalmente para atender a necessidades de reprodução do capital, sem dúvida.

Vive-se em Campo Grande um processo de totalização (SANTOS, 2008), posto que a infraestrutura do bairro tem sido adaptada para encaixar-se nos moldes da reestruturação urbana que permeia todo o mundo. O espaço do bairro é construído de acordo com o sistema técnico atual, dotado de necessidades específicas. Esse sistema técnico é aquele onde a circulação é feita individualmente, tornando-se necessária a construção de uma série de pequenos centros, onde se pretende a instalação de consultórios e escritórios. Entre esses pequenos centros estão: *Plaza Office* Campo Grande, *Campo Grande Office & Mall* e *Pimmus Offices* Campo Grande. No ramo comercial, além do *West Shopping*, *Passo Shopping* e do *Shopping* Campo Grande, mais antigos, é possível destacar o já referido *ParkShopping* Campo Grande e o *Shopping Via Cesário*, de menor expressão.

Em Campo Grande, pode-se dizer então que existiam, antes da mais recente onda de transformação na produção espacial do bairro, condições que garantiram o estabelecimento dos novos objetos e ações. Que condições seriam essas? Sem dúvida, a presença de amplas

áreas não edificadas é uma delas. São também de grande importância a autonomia econômica nos ramos de serviços e comércio que o bairro oferece, uma facilidade à fixação de uma vasta área residencial. Assim, incorporadores e empreiteiras, inclusive aquelas a serviço do Programa Minha Casa, Minha Vida, identificaram em Campo Grande um lugar possível e, sobretudo, lucrativo para esse tipo de investimento. De alguma forma, foi construído certo apelo publicitário relacionado à imagem bucólica e florestada do bairro, que não vai muito além de um imaginário construído. A imagem abaixo é uma página de propaganda do empreendimento *Frontpark* na rede mundial de computadores.

Figura 1: Divulgação do Condomínio Front Park Campo Grande.

Emoldurado pelo verde. Uma região que só tende a valorizar.

Localizado no lugar que mais se desenvolve em Campo Grande, o Front Park consolida a área como a mais desejada do bairro.

Totalmente autossuficiente, Campo Grande está repleto de investimentos, dentre eles a Transoeste e BRT's, que ligam o bairro ao Recreio em cerca de 18 km.

Mapa Ilustrativo

Rua Eulino Nogueira, 400 - Campo Grande, Rio de Janeiro

Um clima de tranquilidade e bem-estar a poucos passos da conveniência dos grandes centros urbanos.

• ParkShopping	• Educandário Monteiro Lobato	• Faculdade Bezerra de Araújo	• Rocha Faria
• Escola Rural São Vicente de Paulo	• Fábrica da Michelin	• Banco Santander	• Inca
• Supermercado Extra	• Supermercados Supermarket	• Banco Itaú	• Supermercado extra
• Habib's	• Centro Esportivo Mléximo da Silva	• Banco do Brasil	• Faculdade Moacyr
• Academia Konnen	• Supermercado Prezunic	• Banco Bradesco	• Estação Ferroviária Campo Grande

Figura 1: O material de divulgação destaca alguns dos negócios presentes em Campo Grande e os transforma em elementos de valorização dos imóveis em questão, que custam, conforme sítio eletrônico do empreendimento, a partir de R\$290 mil. Investimentos públicos e privados entram na lista de conveniências do condomínio. Fonte: <http://www.frontparkcampogrande.com/>

No entanto, o crime organizado também vislumbrou essa possibilidade de retorno financeiro e passou a estabelecer ali uma atividade ilícita e lucrativa. Como observado em reportagem, um conjunto de habitação popular do Governo Federal tem sido apropriado por criminosos em diversos bairros da Zona Oeste do Rio de Janeiro, inclusive em Campo Grande, mediante ameaças, expulsão dos compradores e revenda ilícita a novos moradores, que se mantêm igualmente sob ameaça do grupo criminoso organizado conhecido como

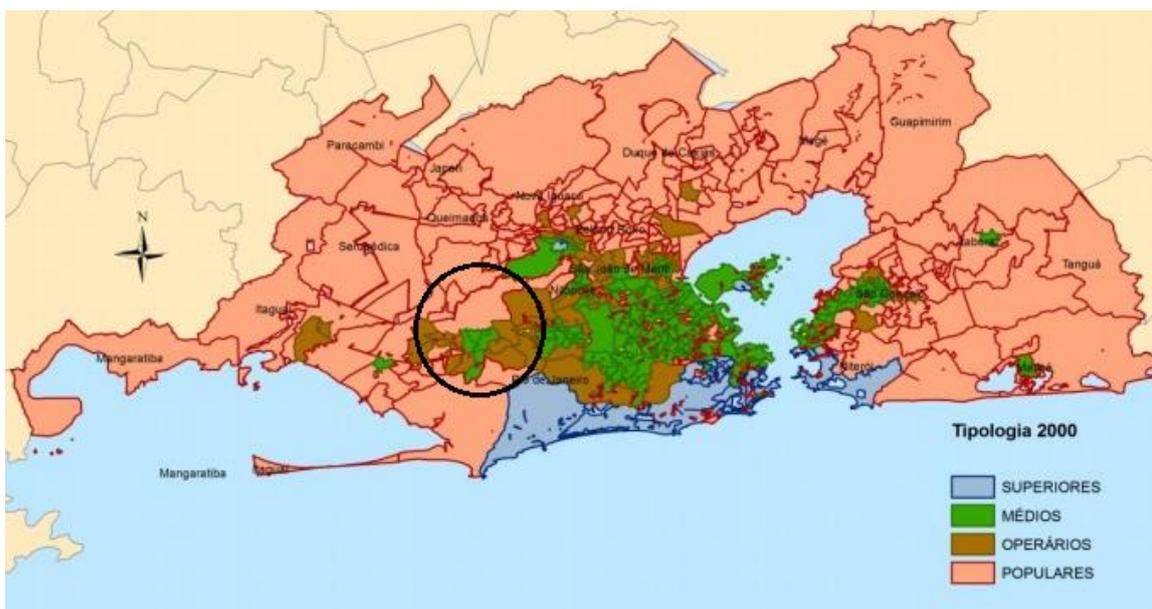
milícia (07/04/2014 19h54 – Expulsos do 'Minha Casa, Minha Vida' por milícia no Rio denunciam mortes – g1.com.br). Para a organização criminosa, os ganhos são tremendos. Como vendem os imóveis abaixo dos preços de mercado, conseguem facilmente compradores interessados. O investimento inicial é o da manutenção da facção criminosa em si mesma, pois os antigos donos são retirados à força, sem nenhum tipo de pagamento. Por outro lado, os novos moradores são extorquidos através de taxas cobradas pelo grupo criminoso sob o pretexto de serviços de segurança, especialmente. A inadimplência deve ser mínima, posto que o não pagamento tem suas consequências, observadas em diversas ações da milícia, que vão desde ameaças e agressões, a expulsão ou a morte.

Segundo reportagem baseada na tabela FipeZap, Campo Grande é o 10º bairro mais barato da cidade do Rio de Janeiro (Época Negócios, 14/05/2014). Importante destacar que a análise não inclui imóveis à venda no mercado informal. O valor anunciado para Campo Grande é de R\$3.096, o que não se confirma nos valores dos imóveis localizados nos loteamentos irregulares localizados no bairro pois, segundo pesquisa de campo, um imóvel de 50m² de área construída pode ser adquirido por R\$60 mil. Nesse caso, o metro quadrado vale menos que a metade do preço dos imóveis regulares. Desde 2008, a valorização imobiliária na cidade do Rio de Janeiro atingiu a marca de 250% segundo o jornal El País Brasil de 27/04/2014.

2. O perfil socioeconômico de Campo Grande hoje – poder aquisitivo, grau de instrução e práticas dos habitantes do bairro

Nacif e Antunes (2010) destacam o perfil médio do bairro conforme identificado pelo Observatório das Metrópoles em 2005, numa escala que trazia os seguintes parâmetros: Superior, Superior Médio, Médio, Médio Inferior, Popular, Popular Operário, Popular Agrícola e Popular Inferior. Além da proximidade a investimentos diversos, como os Distritos Industriais de Campo Grande e Santa Cruz e do Porto de Itaguaí, o bairro era também o oitavo em número de salas comerciais na cidade e o terceiro em lojas conforme dados (IBAM, 2008). O Mapa 2 tem a localização de Campo Grande indicada através do círculo. É possível observar que o bairro apresenta os seguintes perfis: médio, operário e popular. A presença do perfil médio na Área de Planejamento 5 é notada apenas em Campo Grande e numa pequena parte de Santa Cruz.

Mapa 2: RMRJ segundo Tipologia Socioespacial, 2000.



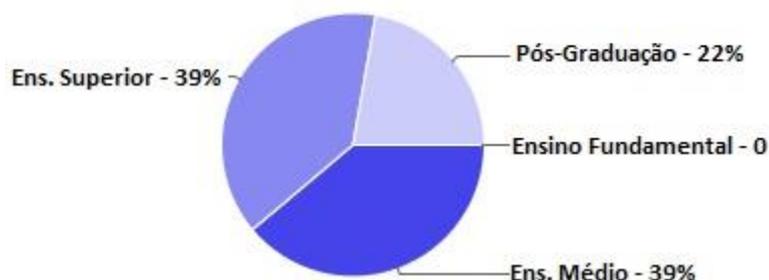
Fonte: Observatório das Metrôpoles, 2010. Elaborado com base no CENSO 2000. Disponível em: http://www.observatoriodasmetrosoles.ufrj.br/relatorio_ERICA.pdf.

A partir de questionário fechado, autoaplicável, respondido por 72 moradores de Campo Grande, buscou-se identificar o perfil dos moradores do bairro e sua relação com os novos objetos espaciais implantados no mesmo. É importante ressaltar que as informações obtidas através desta pesquisa não podem ser apreendidas como um retrato fiel do universo de moradores do bairro. Um motivo para tal afirmação é o próprio meio através do qual o questionário foi aplicado, a rede mundial de computadores. É evidente que esse instrumento de comunicação foi de grande utilidade para a pesquisa, especialmente por representar um instrumento veloz que permitiu o acesso imediato às repostas, além de garantir o anonimato absoluto dos participantes. Por outro lado, é importante destacar que apenas responderam ao questionário pessoas com acesso a esse meio de comunicação.

O primeiro grupo de informações a ser analisado é aquele que apresenta as principais características socioeconômicas do grupo de entrevistados, especialmente no que corresponde a poder aquisitivo das famílias e nível de instrução. Conforme o Gráfico (1), entre os que responderam, nenhum apresentou o Ensino Fundamental como escolaridade, enquanto os níveis médio e superior apresentaram a proporção de 39%. O volume de pós-graduados foi de 22%. A partir de políticas afirmativas realizadas no Brasil nos últimos anos, é importante destacar sua influência sobre o acesso à

universidade pública através dos sistemas de cotas. Por outro lado, o grande volume de instituições privadas de Ensino Superior garante facilidade no acesso quanto à distância.

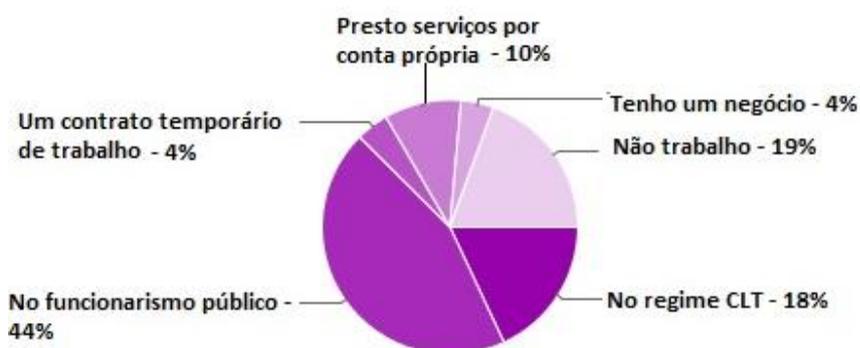
Gráfico 1: Escolaridade em Campo Grande



Fonte: Ferramenta Formulário do Google Drive® a partir do questionário fechado respondido em abril de 2014 por moradores de Campo Grande via internet.

Quando se analisa o tipo de vínculo que a pessoa tem com o trabalho, o Gráfico (2) aponta para o predomínio de funcionários públicos. Nesse grupo, destacam-se os professores, representando 61,3% do grupo de funcionários públicos residentes no bairro. Só a rede municipal de educação, conforme dados da Secretaria, na internet, possui 90 unidades escolares em Campo Grande, enquanto a rede estadual conta com 27 unidades no bairro. Não se pode afirmar que os funcionários de tais unidades sejam em absoluto moradores do bairro, mas considerando que existe a possibilidade de transferência de lotação dentro das redes por seus funcionários após cinco anos de serviço e que, de modo geral, as pessoas preferem trabalhar perto de casa, pode-se dizer que ao menos uma boa parte desses funcionários reside em Campo Grande. A maioria dos entrevistados (64%) possui vínculo empregatício formal.

Gráfico 2: Tipo de Vínculo de Trabalho dos Habitantes de Campo Grande



Fonte: Ferramenta Formulário do Google Drive® a partir do questionário fechado respondido em abril de 2014 por moradores de Campo Grande via internet.

É importante pensar a presença significativa de trabalhadores do funcionalismo público em Campo Grande em relação às possibilidades de endividamento, uma vez que é um grupo que apresenta grande estabilidade funcional. Bancos e financeiras costumam oferecer condições especiais de empréstimo e financiamento para tais grupos, o que pode influenciar o acesso desses trabalhadores à compra de veículos e de imóveis, bem como margens consideráveis em outros serviços financeiros, como cartões de crédito. Esses são pontos importantes que estabelecem um diferencial entre os consumidores quando seus salários são equivalentes. Assim, Campo Grande, em parte, possui uma população munida de condições favoráveis ao endividamento a curto, médio e longo prazo, o que pode aumentar o potencial de consumo das famílias envolvidas.

Essas características podem representar influência sobre alguns campos no processo de transformação do espaço: um mercado consumidor para compra de imóveis, o que está diretamente relacionado ao crescimento da oferta de imóveis novos, considerando o déficit habitacional da cidade; o uso de transportes individuais, favorecido pela precariedade do transporte público no bairro e tornando o congestionamento uma realidade cotidiana no bairro. Numa tentativa de driblar a difícil mobilidade através de transporte público em Campo Grande, nem sempre por falta de linhas, mas em grande parte devido a condições ruins do serviço de transporte, é conjecturada um novo formato de imobilidade: aquele experimentado pela baixa velocidade de circulação dos veículos individuais nas vias mais movimentadas do bairro, especialmente no início da manhã e no fim da tarde, estendendo-se até a noite.

Conforme explicitado pela tabela abaixo, a maioria dos compradores de imóveis em Campo Grande possui Ensino Superior, seguido pelo Ensino Médio. A escolaridade representa então um ponto importante na configuração da renda e do poder de compra da população.

Tabela 1: Grau de Instrução dos Compradores de Imóvel no Mercado Formal em Campo Grande (%)

	Compradores de Imóvel
Alfabetizado	5,26
1º grau	2,63
2º grau	36,84
3º grau	55,26
Pós-Graduação	0
Sem informação	0
Total	100

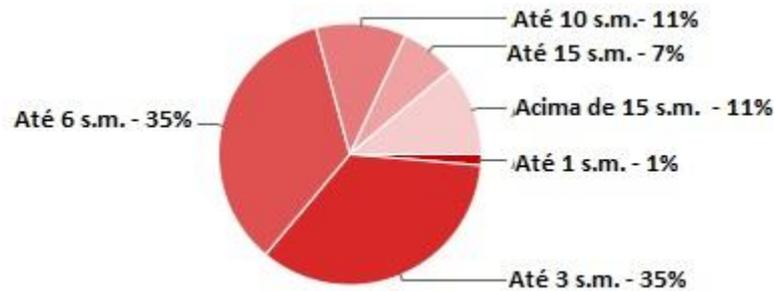
Fonte: Observatório das Metrôpoles, 2003.

Ao analisar o rendimento familiar mensal, 29% dos entrevistados estão na faixa acima de 6 salários mínimos (s.m.), como demonstra o Gráfico (3). Segundo dados do IPP, o rendimento médio da população de Campo Grande, aferido no CENSO 2010, era na faixa entre 5 e 10 salários mínimos. Foi escolhida a renda familiar em detrimento da renda individual porque, para a análise de comportamento ligada ao consumo e do perfil de experiência do bairro e da cidade desejada, acredita-se que um estudante, por exemplo, que não possui renda pessoal, experimentará o espaço através de viagens, lazer e cotidiano conforme as possibilidades oferecidas pela família, e não somente as posses individuais. No caso do grupo de entrevistados em questão, esse ponto é preponderante por se tratar de um grupo majoritariamente jovem, de até 35 anos, enquanto 33% dos entrevistados estão acima dessa faixa etária.

Assim, como o que ocorre com o tipo de vínculo de trabalho, o nível de renda tem papel significativo na definição dos níveis de consumo avaliados em Campo Grande. A dinamização econômica observada, o aumento do número de lojas, e a presença de opções de lazer, especialmente de restaurantes nos últimos anos, não seriam possíveis sem a presença de um grupo que mantivesse tais negócios em funcionamento.

Observando o grupo de maior rendimento, as oito pessoas com rendimentos familiares acima de 15 salários mínimos, metade sempre morou em Campo Grande; a outra metade veio de outros bairros da Zona Oeste da cidade, próximos ao bairro; todos estão no bairro há mais de quinze anos; metade mora em casa de bairro; três em condomínios de casas, enquanto apenas um, em apartamento; cinco são professores da Educação Básica; todos têm Ensino Superior; apenas dois têm nos *shopping centers* sua principal opção de lazer no bairro.

Gráfico 3: Renda Familiar em Campo Grande



Fonte: Ferramenta Formulário do Google Drive® a partir do questionário fechado respondido em abril de 2014 por moradores de Campo Grande via internet.

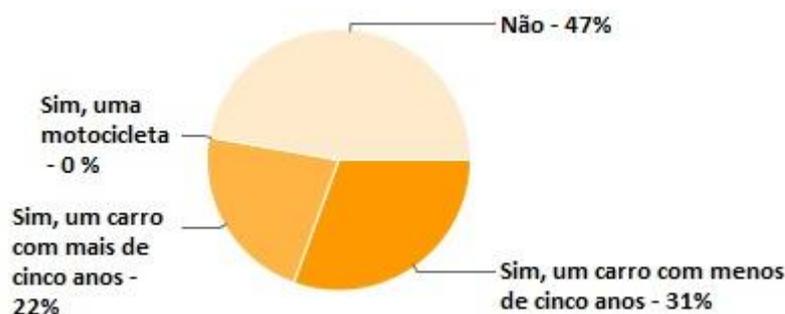
Segundo o CENSO 2010 do IBGE (Sistema IBGE de Recuperação Automática – SIDRA), os maiores rendimentos médios por tipo de residência na cidade do Rio de Janeiro em 2010 concentram-se nas casas de vila ou de condomínio. Ao que parece, a construção de empreendimentos de apartamentos não está voltada para os grupos de maior poder aquisitivo do bairro. Os grupos com maior poder aquisitivo têm dado preferência a habitações maiores e evitado os programas homogêneos oferecidos pelos *shopping centers*.

Segundo o CENSO 2010 (SIDRA), existe considerável diferença de renda entre habitantes da cidade do Rio de Janeiro conforme tipo de habitação. Enquanto o valor do rendimento nominal mensal dos domicílios particulares próprios do tipo casa de vila ou de condomínio é de R\$3447,04, o mesmo parâmetro para domicílios próprios do tipo casa, esse rendimento cai para R\$2016,62. É claro que não se pode negar que as áreas mais valorizadas do município do Rio de Janeiro têm proporção menor desse último tipo de moradia destacado, como Zona Sul e Barra da Tijuca, ou mesmo os bairros de perfil médio/médio alto como Tijuca ou Méier, devido ao adensamento dessas áreas motivado pela própria valorização, o que é expresso quando o mesmo tipo de avaliação é feita para residências como apartamento, atingindo o perfil de renda mais elevado da cidade, com rendimento nominal mensal de R\$6088,66. Mas é inegável o papel das casas de condomínios como habitação para grupos selecionados na cidade do Rio de Janeiro, tendo em vista que, para que seja edificado esse tipo de moradia, é necessário que haja, da mesma forma, espaço disponível, o que não é observado nas antigas centralidades da cidade do Rio de Janeiro.

A respeito da posse de veículo particular em Campo Grande, o Gráfico (4) mostra que a maioria das pessoas do grupo de entrevistados possuiu carro. Mas o grupo dos que não possuem nenhum tipo de veículo automotor é bastante considerável. Enquanto 47% dos

entrevistados não possui nenhum veículo, o segundo grupo predominante é daqueles que possui um veículo novo – 31% dos entrevistados. Em primeiro lugar, destaca-se certa desigualdade entre os moradores do bairro. Em segundo, não se pode negar a influência dos incentivos fiscais à produção de automóveis no Brasil, seja através da redução do IPI (Imposto sobre Produto Industrializado), seja através das facilidades de financiamento. Conforme relatório do IPP (2013), o número de automóveis no Brasil mais que dobrou entre 2001 e 2012, passando de 24,5 milhões para 50,2 milhões. O número de motos passou de 4,5 milhões para 19,9 milhões. 51,5% desse crescimento foi concentrado na Região Sudeste, onde a taxa de motorização é de 33,9%.

Gráfico 4: Veículo Particular em Campo Grande



Fonte: Ferramenta Formulário do Google Drive® a partir do questionário fechado respondido em abril de 2014 por moradores de Campo Grande via internet.

A Região Metropolitana do Rio de Janeiro possuía taxa de motorização por volta de 25,1% em 2012 (Observatório das Metrôpoles, 2013). É possível observar um processo de motorização da sociedade brasileira em desenvolvimento. Soma-se a isso o aumento do poder aquisitivo e da conseqüente capacidade de endividamento do brasileiro. A posse de um carro novo carrega um conjunto de representações ligadas a *status*, influente também sobre os habitantes de Campo Grande. Através do veículo individual, a autonomia de circulação pela cidade é aumentada; o contato com o outro durante o trajeto é bastante reduzido, posto que as ruas tornam-se também mais desertas.

Como expresso por Massey (2000), a territorialização em rede proporcionada pela eficiência atual dos meios de transporte e comunicação, característica do processo de globalização, pode ter conseqüências sobre o modo como o lugar é experimentado. Os pontos e nós da rede passam pela intensa circulação de mercadorias, pessoas e capitais; tornam-se bairros, distritos ou cidades extremamente movimentados e dinamicamente inseridos nas relações globais estabelecidas pelo capital. No entanto, os lugares situados no meio do

caminho podem experimentar abandono em variados sentidos: dificuldades de deslocamento através da escassez de infraestrutura para tal; ausência de condições para o desenvolvimento de atividades produtivas; provável desvalorização imobiliária; abandono do lugar por seus moradores tradicionais.

Não se pode esquecer que, através desse processo, aqueles incluídos precariamente na economia de mercado, muitas vezes sem condições de corresponder às expectativas como consumidor, têm suas condições de vida mais e mais prejudicadas. Se a circulação por veículos individuais ganha a preferência da população, a demanda por transporte coletivo diminui, o que costuma induzir também à redução da frequência de ônibus, por exemplo. Assim, a mobilidade desses que não residem nas áreas priorizadas e não possuem transporte individual é prejudicada, assim como a oferta de serviços nas adjacências de suas residências. A tabela abaixo expressa a relação entre a posse de veículo individual e rendimentos.

Tabela 2: Pessoas que possuem automóvel com menos de cinco anos por faixa de renda em Campo Grande

Faixa de Renda	N	%
Até 1 s.m.	0	0
Até 3 s.m.	5	22,7
Até 6 s.m.	7	31,8
Até 10 s.m.	2	9,1
Até 15 s.m.	3	13,6
Acima de 15 s.m.	5	22,7
Total	22	100

Fonte: Elaborada a partir de questionário fechado respondido em abril de 2014 por moradores de Campo Grande via internet.

Das pessoas que possuem carros com mais de cinco anos, a predominância migra para o grupo de renda de até três salários mínimos. É possível afirmar que existe em Campo Grande uma relação direta entre o poder aquisitivo e a posse de veículos novos. Então, sempre que a condição financeira permite, boa parte dos moradores do bairro optam por comprar um carro novo.

Tabela 3: Pessoas que possuem automóvel com mais de cinco anos por faixa de renda em Campo Grande

Faixa de Renda	N	%
Até 1 s.m.	0	0
Até 3 s.m.	5	31,2
Até 6 s.m.	4	25
Até 10 s.m.	4	25
Até 15 s.m.	1	6,2
Acima de 15 s.m.	2	12,5
Total	16	100

Fonte: Elaborada a partir de questionário fechado respondido em abril de 2014 por moradores de Campo Grande via internet.

Em relação aos que não possuem veículo particular, destacam-se aqueles de renda de até três salários mínimos e de até seis salários, respectivamente.

Tabela 4: Pessoas que não possuem automóvel particular por faixa de renda em Campo Grande

Faixa de Renda	N	%
Até 1 s.m.	1	3,1
Até 3 s.m.	15	46,8
Até 6 s.m.	14	43,7
Até 10 s.m.	1	3,1
Até 15 s.m.	1	3,1
Acima de 15 s.m.	0	0
Total	32	100

Fonte: Elaborada a partir de questionário fechado respondido em abril de 2014 por moradores de Campo Grande via internet.

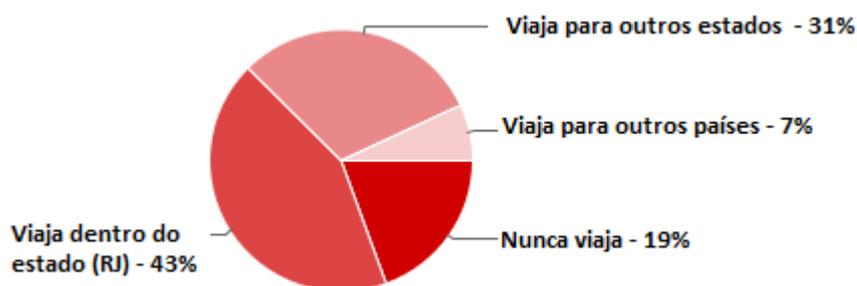
Assim, apesar de a posse de veículos alcançar uma variedade considerável de faixas de renda, não é possível negar a influência da mesma sobre a posse ou não de veículo, bem como o ano de fabricação dos veículos comprados.

Acreditando ser o tipo de lazer um bom indicador do nível socioeconômico dos entrevistados, os mesmos foram arguidos sobre os tipos de viagens realizadas. Como indica o Gráfico (5), muitos não fazem nenhum tipo de viagem, mas existe também no bairro uma proporção de moradores que fazem viagens internacionais. Não foram gerados dados referentes a outros bairros da Zona Oeste da cidade, mas a presença de pessoas com esse perfil de lazer num bairro periférico da cidade do Rio de Janeiro é, no mínimo, curiosa. Dos cinco entrevistados que declararam fazer viagens internacionais, três sempre moraram em

Campo Grande, todos moram no bairro há mais de quinze anos. Quatro têm rendimentos de até 6 salários mínimos, enquanto um recebe acima de 15 s.m. Todos têm Ensino Superior e moram em casas de bairro, além de estarem no grupo entre 25 e 45 anos de idade. Segundo Bourdieu (1989), os hábitos da classe dominante tendem a ser considerados o padrão a ser perseguido pelos demais como um instrumento de distinção social. O desejo de fazer viagens internacionais não está relacionado apenas à vontade de conhecer lugares distantes, porque esse desejo não surge isoladamente, mas no contexto da sociedade capitalista, desigual em essência. Quanto menor o número de pessoas capazes de desenvolver certa atividade, maior o *status* conferido a quem pode dela participar.

Dessa forma, a busca por esse tipo de lazer acompanha o aumento do poder aquisitivo em Campo Grande. Mas a popularização das viagens aéreas não agrada a quem delas faz uso há mais tempo, como indica reportagem (O Globo – 07/02/2014) sobre a ironia de uma professora universitária a respeito de um passageiro no salão de embarque que, conforme sua publicação em uma rede social, não correspondia ao perfil esperado para aquele ambiente. A postagem da professora ganhou destaque nos jornais de todo o país e é uma clara demonstração desse desejo de distinção e de manutenção dos próprios privilégios de classe citados acima.

Gráfico 5: Perfil de viagens realizadas pelos moradores de Campo Grande



Fonte: Ferramenta Formulário do Google Drive® a partir do questionário fechado respondido em abril de 2014 por moradores de Campo Grande via internet.

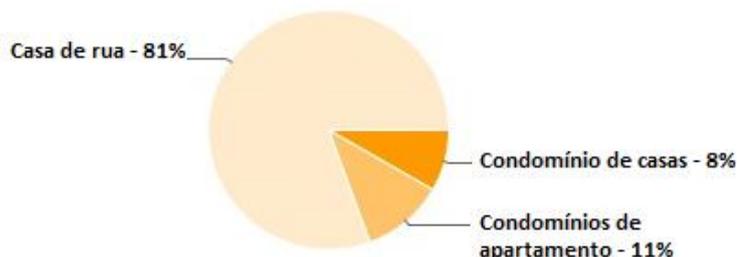
É possível afirmar que as práticas espaciais da população de Campo Grande têm sido em muito assemelhadas às dos setores menos populares da cidade, sendo mantidas as proporções relacionadas ao poder aquisitivo. Parece existir uma tentativa de padronização do estilo de vida, o qual também implica padrão de consumo, através de uma série de atores do desenvolvimento econômico capitalista. Um nicho de mercado se abre e as tentativas de convencimento da adoção desse tipo de comportamento acontecem através de uma produção diferenciada do espaço do bairro e de grande pressão midiática.

3. Tendências a respeito da experiência espacial em Campo Grande

Deseja-se analisar o tipo de vivência espacial realizada em Campo Grande por seus moradores hoje, principalmente tendo como referência as recentes mudanças pelas quais o bairro tem passado recentemente. O espaço vivido é uma parte importante do cotidiano, uma vez que define boa parte da rotina e dos significados conferidos pelas pessoas à própria vida.

Conforme expressa o Gráfico (7), apesar do incremento de residências em condomínios fechados, predomina em Campo Grande a residência em casas de rua, representando 81% do grupo de entrevistados. A partir da análise dos questionários, foi possível verificar que esse grupo é bastante heterogêneo, ocupado por todos os níveis de renda aferidos na pesquisa. Apenas um terço dos que moram em condomínios de casas são antigos no bairro; dois terços vieram de outros bairros da Zona Oeste, fora a Baixada de Jacarepaguá; um sexto era morador da Zona Norte. Ainda em relação a condomínios de casas, metade dos entrevistados desse grupo tem renda acima de 15 s.m.

Gráfico 6: Tipo de Moradia em Campo Grande



Fonte: Ferramenta Formulário do Google Drive® a partir do questionário fechado respondido em abril de 2014 por moradores de Campo Grande via internet.

Em relação aos oito que declararam viver em condomínios de apartamentos, três sempre viveram em Campo Grande; a maioria dos que vieram de outros bairros são oriundos da Zona Norte. O grupo residente em apartamentos também é bastante heterogêneo, pois apresenta todas as faixas de renda, exceto o de até 1 s.m.

Ao que parece, o grupo de condomínios de casa é o mais elitizado. As casas de condomínio são imóveis bastante valorizados em Campo Grande, enquanto a oferta de casas de bairro, presente também em loteamentos irregulares, é bastante variada no que tange preço e acabamento. Ainda que a opção de condomínios de casas seja a mais cara em Campo Grande, as transformações em curso não foram até o momento suficientes para proporcionar um tipo de moradia autosssegurado em absoluto. O fato de ser esse o tipo de moradia escolhido prioritariamente pelos que vêm de outros bairros da cidade pode apontar para

algumas conclusões. Primeiramente, o hábito de moradia em casas de bairro é abraçado pelos antigos moradores do bairro; em segundo lugar, é possível associar o elitismo dos condomínios de casas ao desejo de segurança proporcionado, ao menos em teoria, por esse tipo de empreendimento.

Observa-se que o discurso do medo e da privatização da segurança na cidade ganham espaço também na periferia do Rio de Janeiro. Assaltos, roubos, sequestros e crimes sexuais são constantemente postos em destaque pelos meios de comunicação. Essa prática ajuda a aumentar a sensação de insegurança e o desejo por frequentar ambientes controlados, pois a divulgação desses exemplos de violência são acompanhados de campanhas publicitárias dos condomínios. Muitas vezes, as próprias propagandas destacam os itens de vigilância como pontos de valorização dos imóveis: presença de porteiro vinte e quatro horas, orientados a averiguar o destino de todos os transeuntes; câmeras de segurança na portaria; cercas eletrificadas ou de arame farpado sobre muros. São meios de garantir ao condomínio a ausência de qualquer um considerado indesejado.

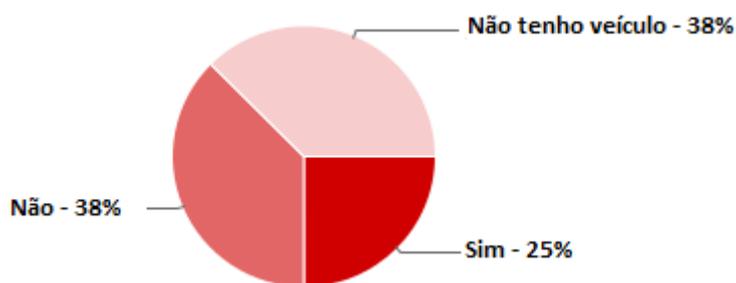
Não se deve esquecer que, como os condomínios possuem de modo geral um perfil de nível de construção e valor dos imóveis, além do próprio custo da taxa de condomínio, existe uma tendência à homogeneização socioeconômica dos moradores. Assim, o convívio com diferentes classes sociais é evitado. Esse processo de fragmentação da sociedade, exaltado através de cercas e muros, mas há muito presente através da valorização desigual do espaço, pode catalisar o aumento da intolerância aos diferentes, e mesmo o completo desconhecimento e desrespeito aos valores, ideias e costumes daqueles que fogem à homogeneidade do condomínio padronizado.

Os apartamentos apresentam também certa variedade de preços: tamanho; serviços de lazer exclusivos nos condomínios, geralmente presentes nos empreendimentos mais novos; localização, que confere preços bem diferentes no bairro, pois a valorização é bastante diversificada. Esses são os principais fatores que levam à variedade de preços e, conseqüentemente, de perfil socioeconômico entre os condomínios de apartamentos. A Região Metropolitana do Rio de Janeiro possui, segundo relatório do Observatório das Metrôpoles sobre o PNAD 2005 (2010), a segunda maior proporção de apartamentos em relação a casas e é a maior em casas com laje de concreto, mais segura e também mais cara, atingindo 64,4% das residências. O processo de verticalização aponta para três processos: tentativa de aproveitamento do espaço, posto que se multiplica pelo número de andares o

número de imóveis construídos; valorização do espaço como mercadoria; escassez de área disponível para construção.

Os Gráficos (8) e (9) expressam o forte papel do transporte público para os moradores de Campo Grande. Apenas 25% dos entrevistados usam veículo particular para ir ao trabalho. Portanto, mesmo que um número significativo possua veículo particular, o mesmo não é extensamente utilizado pelos entrevistados. Dentre os que residem em condomínios de casas, apenas um dos seis não faz uso do veículo individual para ir ao trabalho. Talvez esteja exposto certo estilo de vida sendo construído em Campo Grande, marcado pela segregação proporcionada pelas barreiras concretas dos muros e pelo transporte individual. Quanto aos residentes em apartamentos, a proporção se inverte: apenas dois dos oito do grupo usam veículo individual para este fim. Metade dos que declaram usar o veículo individual para ir ao trabalho possui renda acima de 10 s.m. O grupo mais homogêneo quanto ao nível de renda, portanto, é também aquele em que o uso do automóvel individual se torna mais presente no cotidiano das pessoas. Uma boa relação que poderia ter sido feita é a correspondência entre local de trabalho e uso de transporte público, pois o congestionamento do trânsito, o custo da gasolina e a manutenção dos veículos poderiam influenciar a escolha dos moradores de Campo Grande para ir ao trabalho. Esta pergunta não foi feita, mas pode vir a trazer interessante material para análise no futuro.

Gráfico 7: Proporção de uso de veículo próprio para ir ao trabalho em Campo Grande

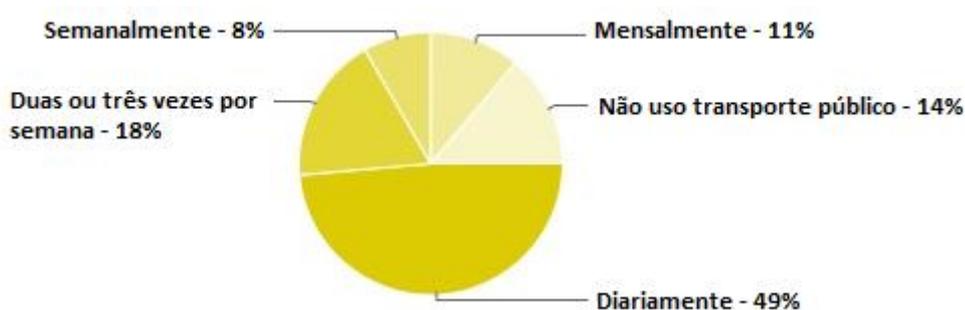


Fonte: Ferramenta Formulário do Google Drive® a partir do questionário fechado respondido em abril de 2014 por moradores de Campo Grande via internet.

Dentre os 10 entrevistados que declararam não usar transporte público, apenas 14% do total, 7 possuem menos de 35 anos de idade e 4 têm renda superior a 10 s.m. Praticamente metade dos entrevistados declarou usar o transporte público diariamente, o que reforça o papel da infraestrutura de mobilidade urbana no bairro no que se refere ao cotidiano de seus habitantes. É visível que o grupo dos que possuem renda familiar superior, no bairro,

praticamente não fazem uso dos meios de transporte coletivos. Assim, as linhas de ônibus, que funcionam com uma série de problemas relacionados aos intervalos entre os veículos e à qualidade técnica dos ônibus, são destinadas aos grupos mais pobres do bairro. Os ônibus das linhas que fazem serviço em Campo Grande circulam frequentemente lotados, tanto devido ao grande aporte de passageiros quanto ao grande intervalo entre um ônibus e outro. Também não é difícil se deparar com ônibus enguiçados, tanto nas linhas internas a Campo Grande quanto para aquelas que fazem o transporte para o Centro da cidade.

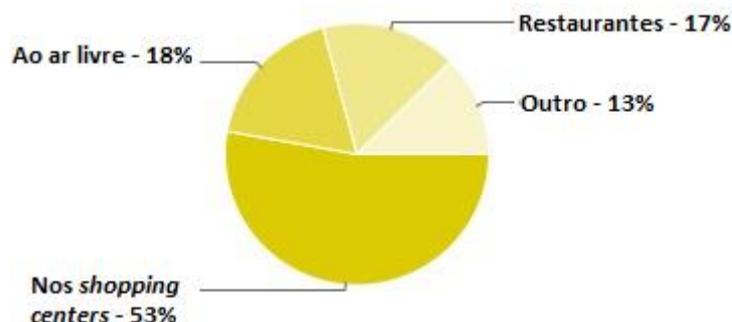
Gráfico 8: Frequência de uso do Transporte Público dos moradores de Campo Grande



Fonte: Ferramenta Formulário do Google Drive® a partir do questionário fechado respondido em abril de 2014 por moradores de Campo Grande via internet.

Analisando o comportamento dos moradores de Campo Grande, numa tentativa de construir uma ideia de como as pessoas vivenciam e se deslocam pelo bairro, tentou-se elencar as principais opções de lazer buscadas pelos entrevistados no próprio bairro. O destaque para as atividades realizadas em *shopping centers* é inegável, atingindo mais da metade do grupo de entrevistados, abarcando todas as faixas de renda, idade e escolaridade, com ou sem veículo próprio. No entanto, nenhum dos que marcaram essa opção residem em condomínios de casas, mas em casas de bairro e apartamentos. A opção onde os moradores de condomínios de casa mais se identificaram foi em restaurantes. No caso dessa opção, praticamente todos possuem veículos particulares, o que é coerente partindo do princípio de que esse tipo de lazer exige maior autonomia quanto à mobilidade, pois os *shopping centers* acabam por polarizar a oferta de transportes públicos. Em relação aos que declararam divertir-se ao ar livre, todos moram em casas de bairro.

Gráfico 9: Opções de Lazer em Campo Grande para seus moradores



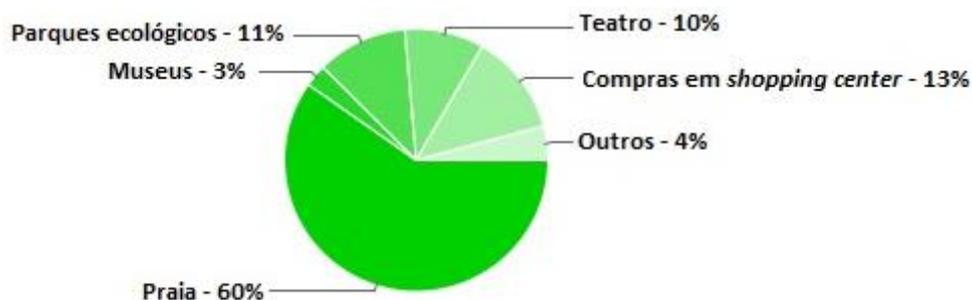
Fonte: Ferramenta Formulário do Google Drive® a partir do questionário fechado respondido em abril de 2014 por moradores de Campo Grande via internet.

O *shopping center* é uma considerável marca no cotidiano dos moradores do bairro. Esse fato pode ser compreendido como uma mudança significativa nos hábitos da população, uma vez que essa opção de lazer opera em Campo Grande há menos de vinte anos. Esse tipo de empreendimento exige um poder de consumo mínimo para ser frequentado, mas apresenta uma gama de opções para bolsos variados, pois apresenta tanto lanchonetes nas praças de alimentação quanto restaurantes à parte, cobrando taxas de serviço e oferecendo atrativos como música ao vivo. Assim, ter nos *shopping centers* uma opção prioritária de lazer é hoje uma característica bastante difundida em Campo Grande. Por também demonstrar praticidade através da concentração de lojas e serviços diferentes, além da comodidade oferecida pela proteção ao tempo e o ar refrigerado, é possível que, dentro de alguns anos, a experiência do lazer no espaço público seja cada vez mais deixada de lado.

Pensando a respeito das opções de lazer fora de Campo Grande, o maior destaque está nas praias. Tratando-se de uma opção gratuita, que demanda apenas o deslocamento, atende a maioria dos entrevistados. A segunda opção mais significativa, compras em *shopping center*, foi predominante entre o grupo de renda de até seis salários mínimos. Interessante notar como o ato da compra é transformado em lazer. A necessidade não é a principal motivação da compra, que seria, neste caso, uma consequência, mas o objetivo deixa de ser suprir necessidades através da compra e passa a ser o próprio ato de comprar. Essa ação ganha na sociedade contemporânea a capacidade de proporcionar sensações de prazer, realização e mesmo felicidade. Como exprime Bauman (2008), a sociedade de consumo é formada por indivíduos que acreditam valer o que valem seus pertences. Dessa forma, possuir mais é valer mais.

É importante destacar que, fora do bairro, predominam as opções de lazer em espaços públicos, como praia e parques ecológicos (71% do total), estando em segundo lugar as atividades culturais: teatro e museus, somando 13% do total, empatados com o ato de consumir transformado em lazer, também com 13%. Em contrapartida, as opções de lazer em espaço público identificadas pelos moradores de Campo Grande praticamente não existem. A sede da vertente norte do Parque Estadual da Pedra Branca está abandonada há anos, sem nenhum tipo de política de incentivo ao uso do parque em Campo Grande. Injusto é o fato de que o grupo residente nas partes mais ricas quanto à renda, infraestrutura urbana e serviços é também o que recebe maior volume de investimentos do Estado para lazer gratuito ou de baixo custo.

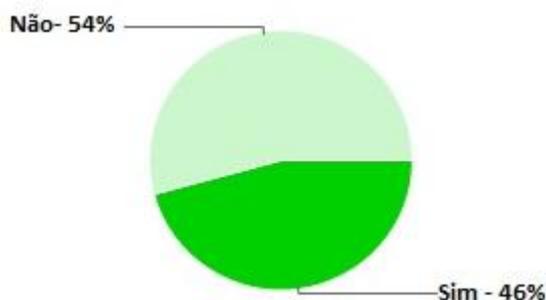
Gráfico 10: Opções de lazer fora de Campo Grande para os moradores do bairro



Fonte: Ferramenta Formulário do Google Drive® a partir do questionário fechado respondido em abril de 2014 por moradores de Campo Grande via internet.

A mobilidade da população no bairro também é comprometida, como expresso no Gráfico (12), mostrando que 54% dos habitantes do bairro não usam o transporte público para o lazer. Enquanto a mobilidade é garantida para os locais de trabalho, quando se trata de lazer, o mesmo não acontece. No entanto, não se pode esquecer o custo que o uso de transporte particular diariamente pode representar, ao passo que as ocasiões de lazer são menos frequentes.

Gráfico 11: Uso do Transporte Público pelos habitantes de Campo Grande para o Lazer

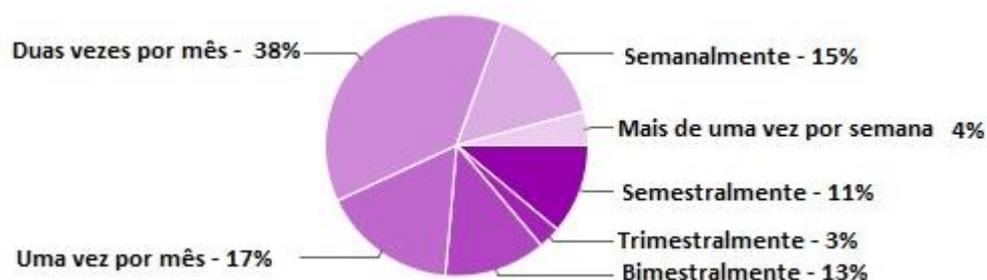


Fonte: Ferramenta Formulário do Google Drive® a partir do questionário fechado respondido em abril de 2014 por moradores de Campo Grande via internet.

Tratando-se, especificamente, da frequência com que a população de Campo Grande vai a *shopping centers*, o Gráfico (13) deixa claro como esse objeto espacial faz parte do cotidiano do bairro: o grupo de maior expressão é o daqueles que declara ir ao *shopping* duas vezes por mês; o segundo maior grupo é o dos que frequentam esse ambiente mensalmente, enquanto, em terceiro lugar, estão os que ali acorrem semanalmente.

O grupo que vai ao *shopping*, mensalmente, abrange tipos de residência e de renda diversificados. Todos os que declararam ir ao *shopping*, semanalmente, moram em casa de bairro e apresentam renda variada.

Gráfico 12: Frequência com que os habitantes de Campo Grande frequentam *shopping centers*



Fonte: Ferramenta Formulário do Google Drive® a partir do questionário fechado respondido em abril de 2014 por moradores de Campo Grande via internet.

Num ambiente onde a locomoção através do transporte coletivo é restrita, os *shoppings* representam de fato uma centralidade de serviços de lazer, como cinema, restaurantes, jogos, etc. Para os que não possuem veículos individuais, torna-se prático frequentar um ambiente controlado onde se sabe quanto cada atividade custa, a vaga no estacionamento é garantida (ao menos até hoje) e o ar refrigerado é onipresente. No entanto, as atividades mais

corriqueiras, como ir ao banco e compras objetivas, não associadas ao *flaneur*, ainda são polarizadas pelo centro comercial do bairro para a maior parte da população.

Considerações Finais

O que se tentou aferir foi o conjunto de características observadas na experiência espacial dos moradores do bairro através do questionário aplicado, de grande utilidade para uma apreensão mais detalhada dos habitantes, ou ao menos de uma parcela desse grupo. As principais tendências em voga no bairro estão relacionadas à variedade material entre as residências presentes em Campo Grande e a desigualdade entre os moradores desse local; a elitização proporcionada pelos condomínios de casas; uma forte tendência ao uso do transporte individual no cotidiano dos moradores; a presença de um grupo de perfil socioeconômico médio no bairro, capaz de sustentar serviços diferenciados no bairro em relação aos bairros vizinhos; o estabelecimento do *shopping center* como polo de lazer para diversos grupos socioeconômicos e o estabelecimento desse costume como símbolo de *status*.

Assim, é possível dizer que uma série daqueles elementos identificados como motes da produção espacial da Barra da Tijuca tem ganhado a importância de referência para a transformação de toda a cidade do Rio de Janeiro, especialmente de Campo Grande.

Referências

ABRAMO, Pedro. **Mobilidade Residencial na Cidade do Rio de Janeiro**. Convênio IPP/Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro - IPPUR/Universidade Federal do Rio de Janeiro. Janeiro – 2003. 31 p. Disponível em: <http://portalgeo.rio.rj.gov.br/estudoscariocas>. Acessado em 10/06/2014.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para Consumo: a transformação das pessoas em mercadorias**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008. 199p.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Bertrand Brasil: Rio de Janeiro, 1989. 315 páginas.

HARVEY, David. **Espaços de Esperança**. Edições Loyola: São Paulo, 2009. 382 p.

HARVEY, David. **Rebel Cities: from the right to the city to the urban revolution**. London: Verso, 2012, p. ix-xviii (Preface - Henri Lefebvre's Version).

IBAM. **Serviços de apoio à elaboração de estudo de viabilidade econômico-financeira do Plano Geral de Revitalização da Região Central do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro. IBAM: Rio de Janeiro, 2008.

INSTITUTO PEREIRA PASSOS. **Homogeneidades e heterogeneidades dos domicílios metropolitanos - PNAD/2005**. Prefeitura do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2007.

LAGO, Luciana Correa do. **Divisão sócio-espacial e mobilidade residencial: reprodução ou alteração das fronteiras espaciais?** Anais do XII Encontro Nacional de Estudos Populacionais. Caxambu - MG. 2000. 18 páginas.

MARTINS, Julia Silveira. **Preços de imóveis residenciais novos no Rio de Janeiro: estimação através da metodologia de preços hedônicos**. Dissertação de Mestrado, FGV. 2012. 49 páginas.

NACIF, Cristina Lontra; ANTUNES, Gisele Teixeira. **Centro Funcional de Campo Grande no início do Século XXI: Centralidade Renovada ou Periférica?** Cadernos Metrópole. São Paulo. Volume 12, n. 23. P. 105-123. Jan - Jun 2010.

OBSERVATÓRIO DAS METRÓPOLES. Relatório: **Organização Socioespacial e Dinâmica Demográfica na Região Metropolitana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, Março de 2010. Disponível em: http://www.observatoriodasmetrololes.ufrj.br/relatorio_eric.pdf

PADILHA, Valquíria. **Da Flanerie ao Projeto Demiúrgico do Shopping Center**. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais. Volume 8, número 1. Maio de 2006. P. 45-58.

SANT'ANNA, Maria Josefina Gabriel. **Dinâmica socioespacial, habitação e família na metrópole do Rio de Janeiro**. Cadernos Metrópole. n. 4, 2000. P. 135 - 158.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4ª edição, 4ª reimpressão. Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo: 2008. 382 páginas.

SILVA, Carlos Alberto F. da. **A Promoção Imobiliária Recente no Rio de Janeiro**. Revista Território. 1996. Disponível em ftp://146.164.23.131/terr/N_01/01_5_silva.pdf. Consultado em 09/01/2013.

SOUZA, Marcello Lopes de. **Fobópole: o medo generalizado e a militarização da questão urbana**. Bertrand Brasil: Rio de Janeiro, 2008. 288p.

SMOLKA, Matin O. **Mobilidade Intra-Urbana no Rio de Janeiro: da estratificação Social à Segregação Residencial no Espaço.** Revista Brasileira de Estudos Populacionais, Campinas. Volume 9, nº2, 1992. P 97 - 114. Disponível em:

http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/rev_inf/vol9_n2_1992/vol9_n2_1992_1artigo_97_114.pdf

Sítios eletrônicos

Sistema IBGE de Recuperação Automática: <http://www.sidra.ibge.gov.br/>

<http://www.frontparkcampogrande.com>

Notícias

Expulsos do 'Minha Casa, Minha Vida' por milícia no Rio denunciam mortes. 07/04/2014 19h54 - g1.com.br. Acessado em 20/05/2014.

Os bairros mais caros e os mais baratos em São Paulo e Rio de Janeiro. Época Negócios. 14/05/2014. Disponível em www.epocanegocios.globo.com. Acessado em 14/05/2014.

Professora que ironizou passageiro em aeroporto pede desculpas. O Globo. Sociedade. 06/02/2014.

<http://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/professora-que-ironizou-passageiro-em-aeroporto-pede-desculpas-11527463>

Bolha Imobiliária se aproxima do limite. Brasil Econômico. 10/09/2013. Economia ig. Acessado em 11/12/2013.

Os bairros do Rio de Janeiro onde os imóveis mais se valorizaram em 2013. Revista Exame. 17/07/2013. Acessado em 11/12/2013.